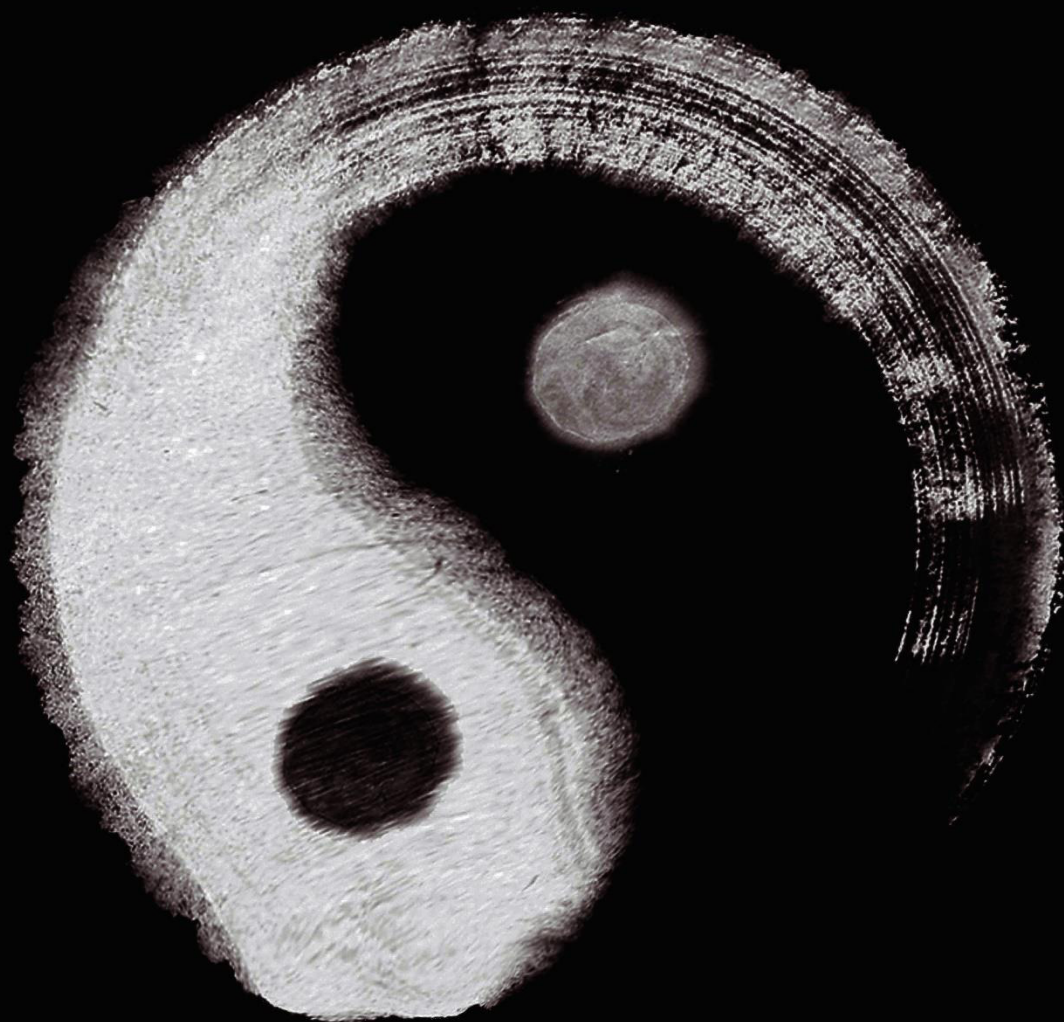


CAOS



CAOS ⇌ COSMOS

Paulo Jorge PM

<http://www.paulojorgepm.net>



Primeira compilação: 2017

Versão de rascunho inacabada

Índice

Espelho meu, espelho meu	-7
Sou rei	-8
A vida é um manicómio	-9
Preso e algemado ao meu próprio ser	-10
Falar é uma traição	-11
Às vezes vem-me um azedume a matança	-12
Sou o eco de um grito	-13
Entristece-me tanto termos formas definidas	-14
Passo a passo	-15
Um dia salto de um prédio	-17
Será a morte vida disfarçada?	-18
Pedra de carne e osso	-19
Sou um caracol sem carapaça	-20
Crescer	-21
Somos todos turistas	-22
Ironia	-23
De sono em sono	-24
Apaixonei-me pela ilusão	-25
Rios de recordações	-26
Acolhi-te como um pedaço de mim	-27
Os poetas que cantam	-28
Uma gota	-29

O amor é apenas um cio	-30
Somos um povo de nostálgicos	-31
Equação de um país	-32
Equação dos casados elevados ao Caos	-33
Equação dos casados elevados ao Cosmos	33
As pátrias são como prisões	32
Sou uma sombra do meu futuro	31
Se a vida passa	30
O que serei amanhã?	29
Que inveja das palavras!	28
Ninguém mais há igual a ti	27
Todas as crises começam na alma	26
Os caminhos da vida	25
Não há fundo da alma	24
Sou uma formiga anarca	23
Dormir	22
Este que sou	21
As religiões de todo o mundo	20
Não sei quem és	18
Último suspiro	17
A vida é um cântico à eternidade	16
O topo da montanha	15
Rasga todos os teus livros sagrados	14

Tal como o prado	13
Fernando Pessoa, o Mestre	12
A poesia não morreu	10
Tudo o que sei o faço da vida	9
Amor...	8
Não sou poeta	7

CAOS

Espelho meu, espelho meu...

...O que é ser Eu?

Castelo de Carne

Sou rei.

Soberano máximo do meu palácio.

Do alto das muralhas sem fim

Vejo todo o mundo,

Mas nunca me vejo a mim.

A vida é um manicómio
E nós somos os doentes.
Vagueamos pelos corredores
Ora tristes ora contentes,
Ora mansos, ora dementes,
Prisioneiros sem o saber,
Encarcerados no nosso ser,
Vagueamos...

Paredes de carne.
Grilhões de osso.
Presos no corredor
Como peixes de mar
A nadar num poço.

Drogaram-nos à nascença.
Vagueamos atordoados.
Confundimos o toque do ouro
Com a vontade de sermos abraçados.
Sentimos com os olhos
E com as mãos olhamos.
Pelos corredores, na escuridão,
Vagueamos...

Preso e algemado ao meu próprio ser,
Vivo a vida no cárcere que é o próprio ato de viver.
Procuro e não encontro, escuto mas nunca ouço,
Quem me chega a mão aqui, neste fundo do poço?

Falar é uma traição
Ao que sinto ou sei,
Pois só em silêncio
Ecoam as palavras
Que nunca direi.

Se falo peço.
Se calo nada.
Entre um e outro
Eis a imagem
Que de mim se formou.

Às vezes vem-me um azedume a matança.
Cresce-me um ódio tamanho de mim!
Apetece-me arrancar o peito à dentada,
Rasgar as veias como se fossem nada
Ferver o sangue e queimar a pele
Roer as costelas a carne e o fel
Segurar o coração como uma criança
E esventrá-lo ao mundo, atirá-lo
À rua, ao chão imundo,
Deixá-lo num beco qualquer.
Não o quero só para mim!

É tão triste ser tanque de carne blindado.
O meu coração vive amarrado sem se mexer.
Quero ser ar, fogo, vento e areia,
Uma pomba voando um céu que clareia,
Uma coisa livre e una qualquer.
Estou farto de não dar parto,
As palavras abortam ainda no ato
E eu continuo virgem no ser.

Às vezes vem-me mesmo um azedume a matança.
Tomara eu ter uma metralhadora,
Apontá-la ao mundo, apontá-la à toa,
Disparar palavras,
Gestos, protestos, gritos, sons aflitos,
Mandar um berro
E rebentar com tudo o que é mudo.
Rebentar comigo e ficar só eu.
O corpo é peso morto,
Só o coração merece viver.
Tomara eu que ele falasse.

Haiku da depressão

Sou o eco
De um grito
Numa casa vazia.

Entristece-me tanto termos formas definidas.
Que saudades da sopa primordial...
Voltar ao asco da terra primitiva,
Seremos todos unos no formato original!

O sangue de todos os povos,
De Todos os insetos,
De todas as plantas,
De todas as coisas vivas
Diluídos, amassados, triturados
Numa papa primordial!
Queria tanto ser tudo sendo um nada,
A solidão do singular é descomunal...

Reconheço que é um sonho desleal,
Mas é tão triste ter formas definidas:
- Volta sopa primordial!

Passo a passo
Na noite escura
Procuro espaço
Pra minha fuga
Sou prisioneiro
Do mundo e gente
Caminho sério
Mas não contente
Busco a vida
E busco a morte
Nos caminhos
Que faz a sorte
Há muito tempo
Caminho só
Já não me lembro
Quem eu sou
Perdi o rumo
E já não sei
A morada de meu pai
Nos cruzamentos
Desta vida
Cruzei caminhos
Sem saída
No agora eu já não sei
Quem me ama
Se amarei
Os caminhos são de luz
Mas no meu rumo
A escuridão seduz
Olho à volta e já não sei
Quem me quer, quem quererei
O desejo é liberdade

Busco asas pra imortalidade
Todos nascemos sós e nus
Mas na terra
Nada mais seduz
Às vezes penso o que fui
Quem serei? Vivo mudo
Não falo no que não sei
Vida e morte, não percebo...
Deus nos dê norte
Pra entender o seu enredo.
Nesta terra os rumos que tomarei,
Deus sabe, mas eu já não sei.

Um dia salto de um prédio
Com um guarda-chuva aberto
Para testar as leis da física primordial.
Juro que salto!
Apenas rezo que a física esteja errada.

Será a morte vida disfarçada?
E no final da vida aqui encenada
Começará vida nova realizada
Ou será a morte real e definitiva,
Terminando todo o fôlego de vida
Num eterno dormir apagado?
Às vezes pergunto-me e não sei,
Se a cada momento e suspiro
Mais eu morro ou mais eu vivo,
Mais eu sou ou nada serei,
Mais eu existo ou desisto,
Mais eu rio ou chorarei.

Somos cegos com força ao pescoço,
Num alto, frente a um negro fosso,
Amnésicos da nossa atual situação.
Sob os nossos pés, uma bola de pedra,
Que equilibra e sustenta a respiração.
Todos temem se lançar no grande fosso
Apodrecendo na sua pequena berma,
Sem saber se o salto será para a condenação,
Ou se a força não tem corda presa nem aflição.
Alguns cegos creem no grande torturador,
Que tudo é um teste, que ele volta para nos soltar.
Outros tecem lamúrias bravas, que a corda é real,
E o fosso tem por berço nosso último funeral.
Entre uns e outros há os cegos que desistem,
Lançando-se ao fosso sem esperança final.
Do último salto ninguém tem memória,
Nem gemidos mudos nem gritos de vitória.
O silêncio é total.
Como será o teu salto no final?

Pedra de carne e osso

A diferença que vai de mim para uma pedra,
É o saber que eu não sou uma pedra.

- Mas o que sou então?

Eis que terminam as diferenças.

Sou um caracol sem carapaça.
Vagueio sem rumo e sem casa
Em busca de um rumo qualquer.
Deambulo por ruas e praças,
Dormindo em becos e matas
Só eu e eu, mais ninguém.
A quem não tem para onde ir
Qualquer destino lhe basta.
O que interessa é partir,
Seja com ou sem esperança.
Sou um caracol sem casa,
Rastejo só entre a lembrança.

Crescer

Em criança

Sonhamos salvar o mundo.

Em adulto

Sonhamos que alguém nos salve.

Somos todos turistas
Num sonho maluco
De algum deus
Que não nos ama.

Onde estás que não te vejo?
Quem és, que não te sinto?
Todos falam de ti
Como se todos os dias
Tomassem café contigo
No café do largo.
Mas eu sei, ai eu sei,
Que todos choram por ti
Quando no breu da noite
Ninguém há para a quem mentir!
Deus, quero acreditar em ti,
Por favor acredita em mim primeiro!
Na minha cómoda, ao lado da cama,
Tenho todas as noites chá e bolachas
À espera da tua visita.
Vem, antes que o chá fique frio.

Ironia

Todos procuramos por Deus.

Todos estremeceríamos de medo

Se ele nos encontrasse primeiro!

De sono em sono
Vamos treinando
Para a morte.

Apaixonei-me pela ilusão

De estar apaixonado.

Na ilusão da vida

Iludi-me de ser amado.

Rios de recordações
Correm dentro de mim.
Ou eu as mato primeiro
Ou elas me matam a mim.

Acolhi-te como um pedaço de mim.
De tanto te amar transformaste-te
Em carne na minha carne.
Mas cresceste descontroladamente,
Agora és um cancro maligno sem fim!
Os doutores querem-te cortar,
Dizem que és um membro
Que me asfixia, a morte está próxima...
Mas eu não o permito!
Prefiro mil vezes morrer asfixiado por ti
Do que de fome pela solidão da vida.

Os poetas que cantam
As virtudes do amor,
São como cães que ladram
Por ter cio e calor.

Uma gota de azeite
A boiar no oceano...

Uma gota de luz
Nos confins do universo....

Uma gota de chuva
A escorrer pelo deserto....

Sou assim, apenas uma gota,
Por não ter ninguém por perto.

O amor é apenas um cio
Disfarçado de gente.
Quem ama, apenas pensa que ama,
Pois quem ama, apenas mente.

Não amamos senão o eu
Que habita no outro.
Procuramos pelo mundo
Cópias de nós mesmos
Para recortar e afixar
Na cama, junto ao nosso leito.
Abraçando, apenas abraçamos o ego.
Amando, amamos sem efeito.

Cínico? - Talvez. Mas acredito no amor
Como causa primeira de tudo o que existe!
Apenas não acredito em pessoas,
Pois amar espelhos é fácil,
Mas amar tudo ao eterno
Já é coisa de santos e deuses.
Talvez por isso sejam tão raros no mundo...

Viva quem ama, mas com amor profundo,
Tanto a beleza da vida como a podridão e o imundo.

Somos um povo de nostálgicos.
Amamos o passado esquecendo o futuro.
Oh povo bravo que dobras-te as tormentas
Porque deixas agora tormentos te dobrarem a ti?

Equação de um país

Um político elevado ao parlamento
É a raiz de todos os problemas.

O futuro do país
É igual à soma
Do quadrado
Do amor
De quem governa.

Equação dos casados elevados ao Caos

Q:

Um mais um igual a dois.

Divididos pelo tempo

Quantos serão depois?

R:

Nenhum?

Equação dos casados elevados ao Cosmos

Q:

Um mais um igual a dois.

Divididos pelo tempo

Quanto serão depois?

R:

Três? Quatro? Cinco? Infinito?

Filhos são a exponencial do amor.

As pátias são como prisões
Forradas com belo papel de parede.

Sou uma sombra do meu futuro
E um eco do meu passado.
O presente é apenas uma ponte
Entre o acabado e o inacabado.

Se a vida passa,
Então tudo passa.
Não te demores
A olhar os abismos
Pois eles nunca se demoram
A olhar para ti.

O que serei amanhã?
Ora o que me importa
O que serei amanhã
Quando este que sou hoje
Terá já deixado de o ser?
A cada instante morto e renasço
Para uma nova versão de mim
Numa eterna metamorfose
Rumo ao desconhecido.
Se hoje gosto de malmequeres
Amanhã já não o saberei
Pois viver é experimentar
E experimentar é mudar
Sendo o que nunca serei.

Que inveja das palavras!
Supostamente eu é que tenho vida,
Mas só elas podem viver para sempre
Numa folha de papel!

Ninguém mais há igual a ti.
Ninguém sorri assim...
Ninguém fala assim...
Ninguém vive assim...
Ninguém sonha assim...
Ninguém caminha assim...
Único num mar de vida e gente!
Da-te por contente,
Cada momento é um presente
Pois mais ninguém o viverá assim!

Todas as crises começam na alma.

Enquanto tiver mãos não temo a fome.

Enquanto tiver pernas não temo o cansaço.

Enquanto tiver um sorriso não temo a doença.

Enquanto tiver um coração não temo a maldade.

Enquanto tiver saúde não temo o futuro.

Enquanto tiver memória não temo o passado.

Enquanto tiver alegria não temo a sorte.

Enquanto tiver vida não temo a morte.

A maior de todas as crises é o medo.

Os caminhos da vida são em terra batida,
Em ingremme declive, solitária subida
Rumo a um topo que só os mortos souberam mapear.
Mas os canteiros (para quem os sabe olhar),
Têm mil flores de tal beleza, aromas sem par!
Quem lamenta, apenas se perde no lamentar.
Que importam as mil tristezas dum vida
Quando todos temos por certo que no fim da subida,
Nos espera o mesmo topo, a mesma casa, o mesmo caminhar?
Olhemos os canteiros, cheiremos as flores,
Pois mais importante que chegar ao castelo
É o caminho até ele - que seja sempre belo!

Não há tudo da alma
Mais profundo
Que o fundo
Da tua.

Sou uma formiga anarca,
Que face ao tédio que mata
Decidiu não viver como a colmeia.
Caçar, criar, comer, dormir,
A vida assim é chata de existir.
Antes anarca, face ao tédio que mata.
Sem rumo, qualquer rumo é bom.
Com rumo feito tudo perde o tom.
Antes anarca, face ao tédio que mata.

Dormir

Em breve visto a minha alma de preto.
Esquartejarei o corpo com fios de lã.
E no infinito do desassossego
Correrei até ser de manhã.

Este que sou
Podia tão bem ser outro!
O berço onde nasci
A casa onde cresci
A família que tenho,
Todos amo mas desdenho,
Pois sendo, limito o que sou.
Abram-me alas para o infinito
Pois nele habitará a minha alma!

As religiões de todo o mundo
São cemitérios de Deuses!
Definir o indefinível é mata-lo.

Até lá, fica nestes versos
Um testemunho em forma de abraço
Que se estende de mim, no hoje,
Até ti, num amanhã.

Não sei quem és
Mas amo-te!
Sei que por entre
A infinidade do tempo
Os meus passos
Hão de ter até ti,
Alma amiga
Capaz de me abraçar
Como quem segura a vida
Com medo que acabe.
Alma bela
Capaz de ouvir
Os gritos mais silenciosos
Nos abismos do meu ser
E se sentar, escutando
Cada um como se fora
A voz de Deus chorando.
Alma imensa
Que desejo amar
Com a mesma força sem fim
Com que os planetas
Giram por todo o universo
Gerando, criando e emanando vida.
Sei que desejas o mesmo para mim.
Não te conheço,
Ainda não te conheço,
Nunca te encontrei,
Mas sei que os caminhos
Do infinito algum dia
Darão até ti!
Dizem que o tempo não existe,
Que é infinito,
Que assim seja também
A minha paciência até te encontrar.

Último suspiro

No alto da vida

Eis os esquecidos

Libertos na morte

Do que deu a sorte.

No topo do muro

Vivem os vencidos

Num abraço afastado

De medos antigos.

No canto do alto

Cantam os mendigos

Já não comem sopa

De restos cedidos.

No jugo da morte

Tomam os fortes

Irmãos alheados

Lembrados quem somos.

A vida é um cântico à eternidade onde
Os dias são versos e os anos quadras.
Como será o cântico meu e o cântico teu
No findar da última página?

Não te demores a enfeitar a capa,
A corrigir erros, rever gramáticas,
Pois no livro que é a tua vida
Tudo o que importa é a poesia.
A biblioteca, que é o universo,
Te aguarda, verso a verso.

O topo da montanha

O ignorante teme estar só, não suporta um dia isolado no topo da montanha. O sábio apenas não vive isolado no topo dos topos mais distante
Por temer apaixonar-se pela solidão, nunca mais desejando voltar à vila.
- De que serviria encontrar o paraíso se não o pudesse partilhar?

Rasga todos os teus livros sagrados,
A tua Bíblia, Bhagavad-Guitá, Alcorão...
Junta os teus escritores, autores, poetas amados,
Com todos acende uma fogueira, um enorme clarão!

O teu Deus és tu.
O teu amor és tu.
O teu pai e mãe és tu.
Es tu, tudo és tu
E a ti te bastas!

Tal como o prado
Seria menos prado
Sem malmequeres
Ou jasmims,
Também a vida
Seria menos vida
Sem ti nos seus jardins.

Fernando Pessoa, o Mestre.
Incompreendido pela razão,
Sua pena escrevia somente,
Somente do coração.
De poucos fez-se muitos.
Armada de mil homens
Sob as costas de um só escudeiro.
Ansiavas o todo, mundos
Além-vidas, além tudo que vai daqui.
Soltaste-te da esfera uniforme,
Mas o todo continua vivo em ti!

Desse eterno coito inacabado.
Por Deus e o Diabo se odiarem com amor nós existimos,
Eternos fetos sedentos de poesia!

A poesia é a própria vida vertida em palavras
 Numa língua que só o coração conhece.
 Ler poesia é rezar ao Deus do silêncio,
 Ao Deus do mistério, ao Deus do medo
 E ao Deus do amor! Suplicando baixinho
 Que embalem a nossa alma com todo o carinho
 Em possessos de ternura e de clamor,
 Mas também de fúria, de raiva e azeda dor,
 Pois onde há Deus há também sempre o Diabo,
 A vida é feita do amor que a ambos une e despedaça,
 Num ciclo de explosões cósmicas e geladas.
 Nós, mortais, não somos mais do que faíscas

Neste mundo falta muita poesia...
 Os homens amam-na como amam a Deus:
 Boca cheia, coração vazio. Poetas ateus!
 Um paradoxo! Nenhum poeta pode ser ateu!
 A poesia fala do que vai para lá de lá
 Da montanha de carne e se estende até
 Aos vales sem fim da alma e de tudo,
 Por becos negros, por poços sem fundo,
 Por prados de luz, até aos clarões no fim do mundo!

A poesia não morreu.
 Só morre o que nasce
 E a poesia nunca nasceu.
 Ela é como Deus. Existe.
 Sempre existiu sem nascer
 E existirá depois de morrer
 Porque em tudo o que existe
 Persiste a chama da vida,
 A busca e a saída daqui.
 Para um mundo melhor.

Tudo o que faço ou sei da vida

Se perde em palpites sem saída:

Quem sou, fui ou serei? Nada sei.

Este é o lema: vive sem o dilema

Do ser, viver, existir ou estar.

Tudo o que faças que valha

Simplemente pelo gozo de o executar.

Questionar o perfume da rosa

Mata a essência que a rosa tem.

Não cries dor por pensar naquilo

Que só o coração pode ver mais além.

O mundo não é uma caixa de areia,

Onde o cientista teima em contar

Cada grão, reduzido a uma equação

Que resume o tudo, o depois e o agora.

Embora no contar haja sentido,

Nela nunca haverá finita conclusão.

Que vale contar todo o pó do infinito

Se não compreendes porque o contou a mão?

Amor...
Sentimento de dar mesmo quando não se tem.
Mais nobre pilar no coração de alguém.
Castelo de paz, recanto de luz,
Quem tem amor não sente o peso
Da sua própria cruz.

L

...Sou um poeta!

Não sou poeta...

SOIWSOC

-7	Espeho meu, espeho meu
-8	Sou rei
-9	A vida é um manicômio
-10	Preso e algemado ao meu próprio ser
-11	Falar é uma tração
-12	Às vezes vem-me um azedume a matança

31	Sou uma sombra do meu futuro
32	As pátrias são como prisões
33	Equação dos casados elevados ao Cosmos
-33	Equação dos casados elevados ao Caos
-32	Equação de um país
-31	Somos um povo de nostálgicos
-30	O amor é apenas um cio
-29	Uma gota
-28	Os poetas que cantam
-27	Acolhi-te como um pedaço de mim
-26	Rios de recordações
-25	Apaixonei-me pela ilusão
-24	De sono em sono
-23	Ironia
-22	Somos todos turistas
-21	Crescer
-20	Sou um caracol sem carapaça
-19	Pedra de carne e osso
-18	Será a morte vida disfarçada?
-17	Um dia salto de um prédio
-15	Passo a passo
-14	Entristece-me tanto termos formas definidas
-13	Sou o eco de um grito

Índice

7	Não sou poeta
8	Amor...
9	Tudo o que sei o faço da vida
10	A poesia não morreu
12	Fernando Pessoa, o Mestre
13	Tal como o prado
14	Rasga todos os teus livros sagrados
15	O topo da montanha
16	A vida é um cântico à eternidade
17	Último suspiro
18	Não sei quem és
20	As religiões de todo o mundo
21	Este que sou
22	Dormir
23	Sou uma formiga anarca
24	Não há fundo da alma
25	Os caminhos da vida
26	Todas as crises começam na alma
27	Ninguém mais há igual a ti
28	Que inveja das palavras!
29	O que serei amanhã?
30	Se a vida passa

CAOS ⇌ COSMOS

Paulo Jorge PM

<http://www.paulojorgepm.net>



Primeira compilação: 2017

Versão de rascunho inacabada



SOWSOCO